

Abismo entre cursos secundário e superior decepciona estudantes

OLGA DE MELLO

O vestibular sempre atrai milhares de concorrentes, mas nem todos os aprovados conseguem acompanhar o curso universitário. Muita gente desiste logo que entra, arranja trabalho e esquece o diploma. Outros trocam de carreira e se ressentem da falta de base no conteúdo do Segundo Grau. E já há universidades que optaram pela revisão do currículo, a fim de conseguir levar os cursos adiante.

Quase todo universitário tem um conhecido que desistiu do curso por descobrir que não era aquela a carreira para a qual tinha real aptidão. E é durante a mudança de área que o estudante tem oportunidade de refletir sobre o ensino de Segundo Grau e o quanto deixou de aprender na escola devido à necessidade de passar no vestibular.

Alex Prado, de 24 anos, fez Medicina em Minas Gerais e hoje estuda Comunicação Social na Universidade Federal Fluminense (UFF). Largou o primeiro curso ao sentir que não tinha condições de acompanhá-lo.

No Segundo Grau, aprendi muita Citologia. Cheguei na universidade e vi que não adiantava quase nada, que Biologia era muito mais do que a divisão celular. Em Química, então, foi um desastre. Sabia muito de Inorgânica, mas na Medicina enfrentei direto a Orgânica, quase desnecessária no vestibular. Acabei decidindo sair da área, porque nunca poderia ser um médico razoável sem base — admite Alex.

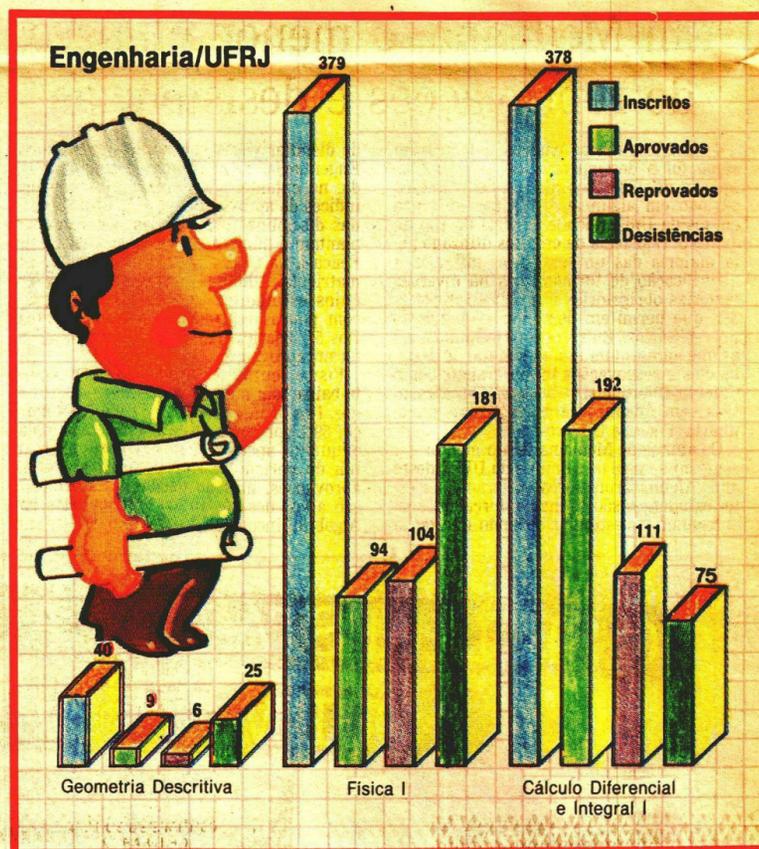
Ana Maria Goulart, 29 anos, está acabando Comunicação na UFF, mas antes passou por Engenharia e Psicologia. Seu Segundo Grau foi em um colégio de ensino forte e uma parte dele foi cursada nos Estados Unidos. Embora acompanhasse os cursos universitários sem dificuldades, via professores revendo

materia do secundário porque a maioria da turma não tinha base. Sua queixa quanto ao Segundo Grau é que ele não prepara o aluno para o tipo de ensino dado na universidade. Roger Bley Soares, 19 anos, no quinto período de Economia da UFRJ, fez colégio e cursinho, mas só na universidade descobriu que não adiantava estudar na véspera da prova.

O Segundo Grau aponta a universidade como grande saída para todos os problemas econômicos e sociais, mas nos acostuma a sistemas de avaliação que não estimulam a capacidade crítica e o raciocínio. Chegamos à universidade pensando que vamos encontrar um escolão de Segundo Grau que nos levará ao mercado de trabalho. Demora muito até a maioria entender que deve estudar as cadeiras sociais para aproveitamento próprio, embora a atividade profissional não vá exigir isso. Só que a universidade absorve todas as deficiências do Segundo Grau e começa a ensinar o aluno a raciocinar. Ai, seu sentido fica também diluído — acha Roger.

Ana Lúcia Vaz, de 20 anos, atribui ao adestramento no cursinho pré-vestibular sua entrada na UFRJ, onde faz Química, embora o que tenha aprendido no secundário pouco lhe adiantasse na universidade. O que sabia de Química e Física foi insuficiente para a carreira e era comum ter aulas com alunos de outros cursos nos primeiros períodos, prejudicando o acompanhamento da matéria.

Não é um ensino individualizado. O professor não conhece a turma e as reprovações eram comuns. Há quem faça diversas vezes a mesma matéria. O calouro fica absolutamente perdido na universidade, que não oferece qualquer ajuda para adaptá-lo a um mundo novo — acha Ana Lúcia.



Nesta crise, o Segundo Grau é apontado como o grande vilão

As instituições de ensino mais procuradas recebem os melhores alunos do Segundo Grau e descobrem que os bons estudantes são imaturos e despreparados para a universidade. Quem diz isso é o Reitor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj), Charley Fayal, reconhecendo que o Segundo Grau perdeu em conteúdo, principalmente devido à preparação do aluno para o vestibular.

A Uerj tem bons cursos e excelentes alunos secundários, que, ao chegarem aqui, precisam rever o aprendizado do Segundo Grau. Antigamente, a grande mágoa dos alunos era receber na universidade o mesmo que nos cursinhos. Hoje, os que entram para as áreas de Saúde e Exatas não têm base em Física, Química e Matemática. O duro é sabermos que nossos alunos são, na maioria, os que fizeram primeira opção para a própria Uerj e que pelo menos 20 por cento deles não conseguiram passar para o segundo período sem perder uma disciplina — diz Fayal.

Para Charley Fayal, falta um elo de ligação entre o Segundo e o Terceiro Graus. Um elo que já houve, segundo ele, nos anos 50, com o Colégio Universitário do MEC, que funcionava na Praia Vermelha. O Colégio era um curso pré-universitário que tinha até 95 por cento de aprovados no vestibular, mas só durou quatro anos. A Uerj pretende recriá-lo em suas instalações do Maracanã e já conseguiu autorização do Conselho Superior de Ensino e Pesquisa.

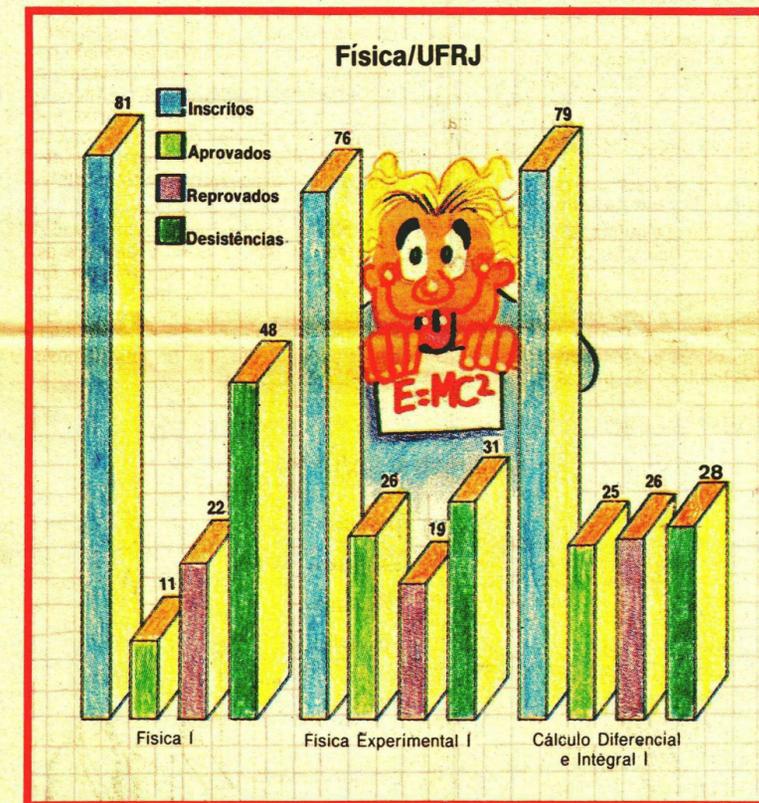
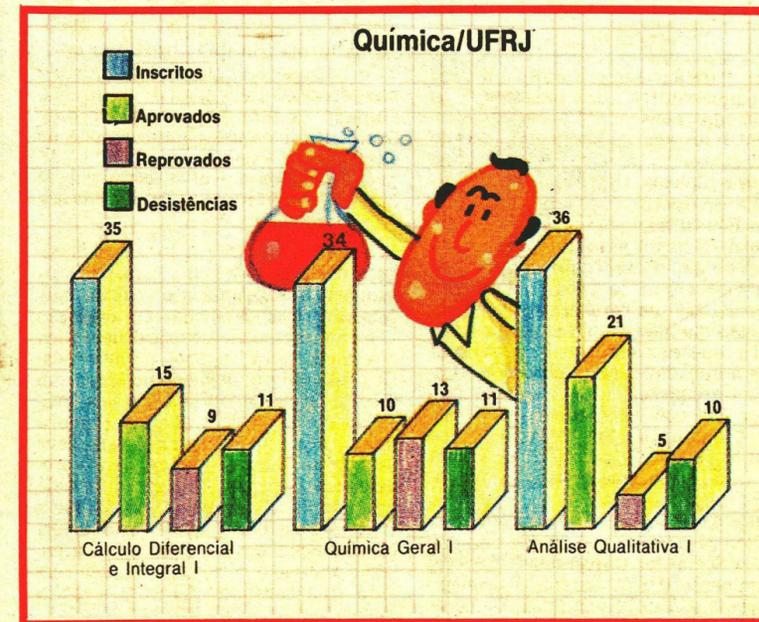
A integração do ensino secundário com o universitário está sendo tentada pelas universidades federais sediadas no Rio, que este ano farão concursos isolados, com visitas dos professores de Terceiro Grau às escolas das redes pública e particular. O

Reitor da UFRJ, Horácio Macedo, acha que, mais do que falta de base, a evasão do calouro universitário deve-se ao fim do contato com uma estrutura de ensino paternalista. Ele espera que os concursos isolados forcem a melhoria de qualidade do ensino secundário, pois, a seu ver, as revisões de matéria contribuem para baixar o nível do Terceiro Grau. O Reitor da UFF, Hildiberto Cavalcanti, acredita que em dez anos, com a ênfase da questão discursiva nos vestibulares, o calouro saberá raciocinar e que os primeiros períodos dos cursos técnicos não terão mais disciplinas como Física 0.

A crise do ensino universitário aponta o Segundo Grau como vilão. E verdade que muitos desistem por despreparo, mas também há quem deixe o curso por falta de condições econômicas — afirma.

O Vice-Reitor Acadêmico da Universidade Gama Filho, Ernesto Freire, informa que, além da evasão e reprovação no primeiro período, há 25 por cento de trocas de carreira nos semestres iniciais dos cursos superiores.

Há influência de outros colegas, há o choque com a universidade, mas só entendemos os casos dos que entram para Ciências Biológicas e que na verdade queriam fazer Medicina. As transferências para este curso seriam maiores se não tivéssemos quase todas as vagas fechadas. No primeiro período, as turmas são misturadas. Todos os alunos têm as mesmas disciplinas e quase nenhuma matéria específica de carreira. Ai começam as decepções, pois muitos chegam ávidos por conhecimento específico, mas é nesse momento em que fazemos a integração com o Segundo Grau — diz Freire.



Em Medicina, o menor número de reprovações e desistências

Os gráficos destas páginas demonstram como foi o desempenho, no primeiro semestre de 1987, dos alunos do primeiro período em algumas disciplinas de cinco cursos da Universidade Federal do Rio de Janeiro. O sistema de créditos utilizado pela maioria das universidades dificulta a identificação de turmas, mas há diversas matérias obrigatórias nos primeiros períodos que permitem descobrir os calouros universitários. Entre essas disciplinas, há as que apresentam um percentual de desistências e reprovações muito grande, como Cálculo Diferencial e Integral I, indispensável em diversas carreiras, como Engenharia, Física e Química.

Os alunos de Medicina têm o melhor desempenho entre os calouros da UFRJ deste ano. Alguns professores arriscam que estes estudantes são os mais esforçados, pois enfrentam o vestibular sabendo que terão

de disputar vagas com muitos candidatos. Engenharia, outra carreira muito disputada, no entanto, não apresenta os mesmos índices de aproveitamento. As desistências nas disciplinas obrigatórias por vezes suplantam o número de aprovados, como em Física I, na qual 47,7 por cento trancaram matrícula. Administração é outra carreira cujos estudantes têm bom rendimento, com poucas reprovações e trancamentos. Dos 55 inscritos em Teoria Econômica, 44 foram aprovados.

Física, curso de procura relativamente baixa, tem muitos desistentes e reprovados. Dos 81 inscritos para Física I em março, 59,2 por cento trancaram a matrícula, enquanto apenas 11 foram aprovados ao fim do período. Química apresenta mais aprovações, mas as desistências também são altas: dos 36 alunos matriculados em Álgebra Linear I, 61,1 por cento desistiram.

